



CINEMA, EDUCAÇÃO E PROMOÇÃO À SAÚDE: EXPERIÊNCIA COM CINEDEBATE EM UMA ESCOLA QUILOMBOLA DE PERNAMBUCO

Andresa Lira Silva¹

Resumo: Esse estudo tem por objetivo compartilhar a sistematização de uma experiência de educação popular, com uso da linguagem do audiovisual, tendo como foco a promoção à saúde, realizada na escola municipal da comunidade quilombola de Castainho, Garanhuns-PE, durante o decorrer da primeira turma da residência multiprofissional em saúde da família com ênfase na população do campo. O projeto foi construído com base nos conceitos trazidos pela educação popular, dando a equipe de residentes, coordenação pedagógica da escola e grupo de alunos do 8º e 9º a possibilidade de experimentar a dialogação horizontal e participação de todos, tanto no planejamento, quanto nas sessões. A metodologia permite uma dialogação com a realidade, trazendo a possibilidade de reflexão e alteração do meio ao qual estão inseridos.

Palavras-chave: Educação popular; audiovisual; saúde; população quilombola.

CINEMA, EDUCATION AND HEALTH PROMOTION: EXPERIENCE WITH CINEDEBATE IN A QUILOMBOLA SCHOOL IN PERNAMBUCO

Abstract: This study aims to share the systematization of a popular education experience, using the language of the audiovisual, focusing on health promotion, held in the municipal school of the quilombola community of Castainho, Garanhuns-PE, during the course of the first group of the multiprofessional residence in family health with emphasis on the rural population. The project was built based on the concepts brought by popular education, giving the resident team, pedagogical coordination of the school and group of 8th and 9th graders the possibility of experiencing horizontal dialogue and participation of all, both in planning and in sessions. The methodology allows a dialogue with reality, bringing the possibility of reflection and change of the environment to which they are inserted.

Keywords: Popular education; audio-visual; Cheers; Quilombola population.

CINÉMA, ÉDUCATION ET PROMOTION DE LA SANTÉ: EXPÉRIENCE AVEC LE CINE DEBAT DANS UNE ÉCOLE MARRONNE À PERNAMBUCO

Résumé: Cet étude vise à partager la systématisation d'une expérience d'éducation populaire, en avec l'usage de la langue de l'audiovisuel, en mettant l'accent sur la promotion de la santé, réalisée dans l'école municipale de la communauté de marronne Castainho, Garanhuns-PE, au cours du premier groupe de la résidence multiprofessionnelle en santé familiale en mettant l'accent sur la population rurale. Le projet a été construit sur la base des concepts apportés par l'éducation populaire, donnant à l'équipe de résidents, la coordination pédagogique de l'école et du groupe de 8e et 9e années la possibilité d'expérimenter le dialogue horizontal et la participation de tous, tant

¹ Especialista em saúde da família com ênfase na população do campo (2017), pelo programa de Residência em Saúde da Família com Ênfase na População do Campo da Universidade de Pernambuco campus Garanhuns. E-mail andresalira5@gmail.com

en programme, quant en sessions. La méthodologie permet un dialogue avec la réalité, apportant la possibilité de réflexion et de changement de l'environnement auquel ils sont insérés.

Mots-clés: educação popular; audiovisual; saúde, population marronne.

CINE, EDUCACIÓN Y PROMOCIÓN DE LA SALUD: EXPERIENCIA CON CINEDEBATE EN UNA ESCUELA QUILOMBOLA DE PERNAMBUCO

Resumen: Este estudio tiene por objetivo compartir la sistematización de una experiencia de educación popular, con uso del lenguaje audiovisual, lleva como blanco la promoción a la salud, realizada en la escuela de la municipalidad de la comunidad quilombola de Castainho, Garanhuns-PE, durante el transcurso de la primera clase de la residencia multiprofesional en salud de la familia con énfasis en la población del campo. El proyecto fue construido con base en los conceptos de la educación popular, dando al equipo de residentes, coordinación pedagógica de la escuela y grupo de alumnos del 8º y 9º la posibilidad de experimentar el diálogo horizontal y participación de todos, tanto en la planificación, como en las sesiones. La metodología permite un diálogo con la realidad, trayendo la posibilidad de reflexión y alteración del medio al que están ubicados.

Palabras-clave: Educación popular; audiovisual; salud; población quilombola.

INTRODUÇÃO

Quilombo

Que todos tiveram de tombar amando e lutando [...]

Gilberto Gil, "O Eldorado Negro"

Pensar as comunidades quilombolas, antes de qualquer coisa, é pensar em territórios de luta, quilombo, segundo a etimologia Bantu, quer dizer acampamento guerreiro na floresta. Foi popularizado no Brasil pela administração colonial- em suas leis, relatórios, atos e decretos- para se referir às unidades de apoio mútuo, criadas pelos rebeldes ao sistema escravista e às suas reações, organizações e confrontos pelo fim da escravidão no País. A casa grande e a senzala sempre foram espaços de organização e luta política. Fugir dos grilhões, que aprisionavam a uma situação de exploração máxima, foi, sem dúvida, uma forma de resistir ao sistema escravista e de alcançar a liberdade (Freitas, 2011).

Após abolição, a população negra era vista como sinal de atraso no desenvolvimento e um povo não civilizado, sendo expulsa para a periferia das cidades e campo. Essa situação promoveu uma divisão territorial dos espaços urbanos e do campo em que foi definindo uma territorialidade, quando os grupos "de cor" foram se

estabelecendo em lugares segregados, como as comunidades quilombolas. Toda essa resistência alcançou a aprovação de dispositivos constitucionais em 1988, garantindo a todos os remanescentes de quilombos, descendentes de ex-escravos, ou aos que se autorreconhecem como tal, o direito ao território por eles habitado, mesmo ainda hoje sendo um processo longo e na maioria das vezes cheio de conflitos de interesse (Freitas, 2011).

Em sua história, Castainho, comunidade quilombola, com número aproximado de 860² pessoas, localizada no campo, pertencente ao município de Garanhuns-PE, tem nítida a força do povo, entre as seis comunidades quilombolas existentes na cidade, ela é a única que tem a titulação parcial das terras e está completamente demarcada, conquista adquirida através de muita luta e resistência. A comunidade surgiu com a chegada dos sobreviventes do massacre ao quilombo dos Palmares, no entanto, por ter uma terra fértil e no início não ter limites, Castainho foi marcado por cobiça e perseguições de fazendeiros e de imobiliárias que se diziam “donos” das terras e se aproveitavam do poder público e econômico para tentar destruir o quilombo.

Com os ataques que sofria, a comunidade percebeu a necessidade de se organizar e se fortalecer. Com isso, em 1982 as famílias fundaram a associação de moradores, sendo registrada oficialmente apenas em 1993, tiveram o apoio da igreja, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), da Federação dos Trabalhadores Agrícolas do Estado de Pernambuco (FETAPE) e do Movimento Negro. Como resultado de sua organização, luta e resistência, no dia 14 de julho de 2000 a Fundação Cultural Palmares concedeu o título de reconhecimento dos 183 hectares de terra à associação de moradores de Castainho, Garanhuns- PE.

As famílias que ali residem, em sua maioria, vive da agricultura, tendo como principais produtos a mandioca e as hortaliças, que são comercializadas nas feiras livres do município, entretanto quem vive do plantio sofre com a intempérie do clima no agreste meridional, aonde vem sofrendo um período de chuvas escassas, outra parte da população

² Dados da unidade de saúde da família de Estivas, consolidado mensal feito pelos agentes comunitários de saúde junto à enfermeira da equipe, 10/01/2017.

acaba recorrendo ao trabalho informal no perímetro urbano ou ainda em algumas fazendas, sendo esse trabalho muitas vezes precarizado e insuficiente para arcar com as despesas da família.

Hoje conta com alguns equipamentos sociais, que estão na comunidade graças à auto-organização, são eles: a Associação de moradores; a casa de farinha; o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS Quilombo); uma escola municipal; uma creche (mantida pela igreja evangélica e pela prefeitura); uma igreja evangélica e uma igreja católica. Os espaços de lazer são o campo de futebol, os bares e o grupo cultural de dança Afro.

Apesar das conquistas, os conflitos pela terra e a luta contra a discriminação ainda persistem nos dias atuais: a comunidade ainda é cercada por fazendas em um território que sempre foi seu; relatam diferenciação no tratamento por serem os “negros de Castainho” (maneira como parte da população da cidade os chama); e continuam sofrendo com a dificuldade do acesso aos serviços públicos, entre eles o acesso a alguns serviços de saúde.

*Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta,
mas a de quem nele se insere.*

Paulo Freire, “Pedagogia Da Autonomia”

As comunidades quilombolas despertam uma série de questões socioeconômicas, espaciais, jurídicas e culturais que fazem parte da discussão sobre o que representam os quilombos contemporâneos na atualidade e sobre a sua efetiva inserção cidadã principalmente quando se pensa na saúde, com garantia de acesso e respeito a suas tradições e formas de cuidado (Leal, 2005). É preciso ampliar a discussão do direito à saúde, que é uma das premissas básicas do SUS, levando-se em conta que o acesso ao mesmo, passa ainda pelas condições sociais e econômicas da população e não apenas de sua condição étnica. Para o Ministério da Saúde, a política de inclusão da população quilombola inicia-se, efetivamente, em 2004 com a Portaria n.º 1.434, de 14/7/2004 (Pare, *et al*, 2007), que criou um incentivo para a ampliação de equipes de estratégia da saúde para as comunidades quilombolas.



Entretanto, a forma como essa política de saúde é aplicada nas comunidades deve ser observada, pois, muitas vezes os profissionais de saúde chegam a elas sem conhecer seu território vivo, sendo esse um equívoco, principalmente quando se observa ações de educação em saúde, que demandam do profissional uma visão abrangente e efetiva que prioriza a gestão compartilhada dos serviços de saúde e do processo saúde-doença da população, sendo contraponto ao modelo tradicional de educação, onde a informação é passada de forma vertical, centrada no cumprimento de orientações dadas e sem respeitar o conhecimento de quem recebe tais “cuidados” (Moreira et al, 2007).

Esse entendimento de que a educação deve modificar o comportamento, sem diálogo com o outro e desconsiderando o território dos sujeitos, vem sendo contestada pelas ideias de Paulo Freire (2012) que ressaltam a igualdade entre educadores e educandos, quando trilham o caminho do conhecimento. Para ele, não existe conhecimento superior ao outro, o que torna inconsistente o modelo de educação bancária, onde o professor “deposita” conhecimento no aluno e depois o “saca” em sistema de avaliação, sendo esse conteúdo desconexo com a realidade de quem o recebe e sem ter qualquer espaço para questionamento e diálogo.

Para tal, é essencial que a educação seja libertadora, conceito esse que vem da educação popular, originada dos saberes e estratégias dos grupos populacionais mais marginais, para lidar com a questão da pobreza e opressão e enfrentá-las. A Educação Popular se estrutura como uma sistematização teórica do saber, que foi acumulado por meio das trocas nessas experiências voltadas para construção de uma prática pedagógica junto com populações mais pobres, que não reproduzisse o paternalismo e o vanguardismo das práticas de trabalho social, até então dominantes, sendo Paulo Freire, um dos pioneiros nesse trabalho de sistematização teórica (Vasconcelos, 2011)

Para Vasconcelos (2011, p. 16)

A educação popular não é uma teoria pedagógica criada por um intelectual; é um saber e uma teoria que foram sendo construídos coletivamente, nesse movimento social de intelectuais, técnicos e lideranças populares engajados na transformação da sociedade de forma a superar as estruturas políticas e econômicas geradoras da pobreza e de opressão, mediante o fortalecimento da solidariedade, da amorosidade, da organização e da autonomia dos subalternos. Ela enfatiza a



centralidade do agir pedagógico nesse processo, mas não de qualquer pedagogia. Por isso prioriza o debate da metodologia educativa, por meio da qual pode gerar altivez e protagonismo à população tão marcada pelo medo, pelo silêncio e pelo conformismo.

Trabalhar sob essa perspectiva da educação na unidade de saúde da família é essencial para fortalecer a promoção à saúde, pois esta é capaz de impulsionar mudanças nos padrões de alimentação, habitação, saneamento, condições de trabalho, ampliar o acesso à educação, o apoio social para famílias e indivíduos e delinear um estilo de vida responsável. Trata-se de adotar uma visão coletiva no enfrentamento a questão da saúde, com o olhar focado no ambiente físico, social, político, econômico, cultural (Verdi; Caponi, 2005).

*A voz do morro rasgou a tela do cinema
E começaram a se configurar
Visões das coisas grandes e pequenas
Que nos formaram e estão a nos formar*
Gilberto Gil, “Cinema Novo”

Entre as diversas ferramentas capazes de serem utilizadas para atingir os objetivos da promoção à saúde, ressalta-se a importância do cineclube, por este ser um método de diálogo onde as pessoas se reúnem para assistir obras cinematográficas e a partir delas debater sobre o que foi exposto, tendo caráter democrático e participativo nas suas várias etapas. Macedo e Pimentel (2010) ao conceituar o cineclubismo, concorda com a definição do dicionário quanto cineclube como uma associação que reúne apreciadores de cinema para fins de estudos, debates e para exibição de filmes selecionados, entretanto resalta que a imprensa e o senso comum amesquinham esse sentido e tratam o cineclubismo como uma atividade de mero lazer cultural; e formado por pessoas que resolvem se juntar para apreciar e discutir cinema de forma coletiva.

Seguindo esse raciocínio cinedebate torna-se uma nova possibilidade de espaço para produção de pensamento crítico, o que se apresenta como uma forma para exercício da prática democrática e corrobora com a ideia de se trabalhar sob a luz da educação popular que estimula o desenvolvimento da comunidade onde o educando está inserido,



pois incentiva o diálogo e participação comunitária, possibilitando uma melhor leitura de realidade social, política e econômica.

O cine debate articula-se como um dos caminhos para efetivamente se pensar no direito de aprender pelo viés de uma formação focada nos diferentes aspectos que compõem a integralidade da pessoa. Nesse sentido, uma proposta que alinhe protagonismo e autonomia conflui aos próprios objetivos do que foi sistematizado por Freire, ao longo de sua obra é possível encontrar elementos que levam em conta a necessidade desse tipo de percepção a respeito da vida e que se trata de algo totalmente tangível de ser desenvolvido na escola.

Devido seu caráter mobilizador, esta se torna uma forte aliada à reflexão sobre o conceito de saúde que se pretende defender, um conceito ampliado, onde as várias facetas da saúde sejam trabalhadas da mesma forma, com a mesma intensidade e importância e nada mais próximo da nossa realidade que o audiovisual, essa arte que incorpora tão bem elementos do cotidiano e do imaginário, nos levando a um patamar de observadores e críticos do sistema que vivenciamos, facilitando a identificação nos papéis ali expostos e dando a possibilidade de finais diferentes do convencional.

A partir dessas características e observando a dinâmica, história da comunidade, o número considerável de jovens que frequentavam a escola e a necessidade de criar vínculo com esse público, além de aproximar os serviços, possibilitando uma intersetorialidade, foi o que deu o suporte a realização desse projeto na Escola Virgília Garcia Bessa, localizada em Castainho, Garanhuns - PE.

A fim de refletir sobre essa questão, o presente artigo tem por objetivo compartilhar a sistematização de uma experiência de educação popular, com ênfase na promoção à saúde, realizada na escola da comunidade quilombola de Castainho, durante o decorrer da primeira turma da residência multiprofissional em saúde da família com ênfase na população do campo.

Para contextualizar a experiência a seguir descrita, faz-se necessário também esclarecer de que lugar ela foi vivenciada: a partir do papel de residentes, durante vivência do programa de Residência Multiprofissional em Saúde da Família com ênfase na



População do Campo, 2015-2017, vinculado a UPE campus Garanhuns, onde exercíamos ao mesmo tempo atividades como profissionais e estudantes, ocupantes de um “não lugar” privilegiado, potencializador de mudanças de práticas instituídas e criação de outras instituintes no campo da saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os primeiros dias no território, ficou designado à equipe de residentes que fizesse mapeamento e um diagnóstico epidemiológico da área que iríamos trabalhar nos próximos dois anos, nesse processo iniciamos conhecendo os equipamentos sociais que existem, dentre eles a escola da comunidade quilombola do Castainho. A priori o que chamou atenção foi a estrutura física muito organizada e com um grande espaços para atividades coletivas, entretanto havia pouca utilização dele como espaço de educação, segundo a coordenadora pedagógica.

Questionando a um líder comunitário sobre a história da escola, recebemos uma aula sobre luta e engajamento político de uma comunidade. Segundo Zé Carlos, a escola antes era localizada próxima a um rio, e frequentemente ficava impossível o acesso devido às chuvas e a estrada de chão batido. Quando o governo municipal recebeu verba para reforma das escolas e decidiu fazer uma reforma em todas as escolas do campo, entre elas a de Castainho, Garanhuns - PE, que até o momento só acolhia estudantes até o quinto ano, os moradores da comunidade, articulados em sua associação de moradores e sabendo que havia recurso financeiro para que conseguissem alterar a localização, realizaram várias reuniões com a secretaria de educação e gestor do município, deixando clara a impossibilidade de manutenção da escola no espaço atual, até que depois de muitos embates, conseguiram a mudança para a parte mais central da comunidade, facilitando o acesso de todos e ainda a extensão das turmas até o nono ano.

Nas conversas posteriores com a coordenação da escola, foi relatada muita dificuldade de articulação com os outros serviços que existem no território, entre eles a unidade de saúde da família (USF), que se limitava em ações pontuais de vacinação na escola, sem qualquer outro contato com esse espaço tão propício para trabalho com adolescentes, um grupo que, segundo o observado pela equipe de residentes na USF, não



acessa os serviços da saúde com frequência, fato também destacado por Formigli, et al (2000), que traz uma reflexão sobre a dificuldade de atingir esse público, pois os adolescentes não se permitem ao diálogo por estarem numa fase em que são cobrados como adultos, mas tratados como crianças, sem haver respeito a sua fala.

TRANSFORMANDO AS VELHAS FORMAS: A EDUCAÇÃO POPULAR E O CINECLUBISMO ENTRAM EM AÇÃO

Refletindo sobre como otimizar o uso do espaço escolar, para fortalecer práticas de promoção à saúde, teve-se a ideia de utilizar a ferramenta audiovisual pelas seguintes potencialidades: romper com a lógica tradicional de ensino, pluralizar o processo educacional, ter linguagem acessível e atrativa ao aluno, possuir uma dinâmica e tempo próprio da juventude e se caracterizar como uma forma de lazer (Bonetti, 2008). No amplo fundo de conhecimento que constitui a experiência humana, em que cultura e aprendizagem se dispõem de forma relacional, procuramos privilegiar um momento da vida cultural, o cinema. Entretido nos modos de existência delineados pela modernidade, a arte cinematográfica assume um lugar importante nas estruturas sociais, com impactos nos processos de significação social que atuam na formação cultural dos indivíduos (Silva, 2011).

Além disso, buscou-se atender a Lei 13.006 de 2014 (Brasil, 2014), lei do audiovisual nas escolas, que determina: “A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais.” Esta inclui um parágrafo ao artigo 26 da lei 9.394 (Brasil, 1996), que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

A metodologia adotada para planejamento das atividades foi a mesma descrita no manual de cineclube (Figueiredo; Barbosa, 2006), que tem início com a escolha do local de exibição, que no nosso caso foi o pátio da escola, equipamento de projeção e serviço de som, cedidos pela escola, montagem da programação e planejamento das ações, organizada pela comissão formada por alguns residentes, coordenadora pedagógica e alunos, onde decidíamos o cronograma com temas a serem abordados, as datas e horários



de exibição, assim como as turmas contempladas (8º e 9º ano), sendo um quantitativo de aproximadamente 80 estudantes. Tudo isso foi pensado por entender que é na escola que os adolescentes poderão reconhecer o valor da saúde, do seu próprio futuro, da importância e pertinência da sua participação, como agente de mudança para a compreensão e redução de sua vulnerabilidade, e da sua contribuição para o progresso social, através do empoderamento e de ações que o envolvam, a partir de uma ação protagônica (Costa, 2000).

Os primeiros encontros para planejamento das atividades foram realizados entre a coordenadora pedagógica e a comissão formada pelos residentes, a proposta inicial de tema acabou se somando a temática que estava sendo trabalhada na escola, sobre a semana nacional da pessoa com deficiência. Vimos que trabalhar uma proposta pré-definida e não dialogada com o público alvo não traz interesse a apropriação do tema, daí a necessidade de se pensar a promoção da saúde sob a ótica da educação popular, pois ela parte do pressuposto de que o educando possui um saber prévio, construído em sua história de vida, sua prática social e cultural, que lhe serve de ponto de partida para a aquisição de novos conhecimentos. A educação se constitui como um processo de busca e de invenção ou reinvenção que parte da ação e da reflexão do homem sobre o mundo, para transformá-lo. A problematização das experiências ou situações vividas constitui um desafio para a transformação e, portanto, uma fonte para a organização do conteúdo do processo educativo (Bornstein, 2007).

A partir dessa primeira experiência, convidamos os alunos a definirem temas que eles julgassem importantes de serem tratados (Quadro 1), fomos surpreendidas com abertura o debate de assuntos que não esperávamos partir deles, com essa orientação mais clara do caminho a ser seguido, montamos para cada tema, perguntas norteadoras para a discussão, pois o modelo de cinédebate não é tão comum, principalmente quando se pensa no público alvo, que não tem tantos espaços de diálogo coletivo.

Quadro 1. Temas trabalhados nos meses de 2015 e 2016

Meses	Temáticas
2015	



Setembro	Pessoa com deficiência
Outubro	Trabalho infantil
Novembro	Consciência negra
2016	
Junho	Bullying
Agosto	Importância da educação
Setembro	Violência contra a mulher A atual sociedade e as relações com a natureza
Outubro	Uso e abuso de drogas
Novembro	Resgate de identidade quilombola

Fonte: produção da autora.

Com essa reformulação, demos início às atividades no modelo que segue até o momento, onde as apresentações dos curtas, sempre nacionais a fim de valorizar nossa produção em audiovisual, eram seguidas pelo debate, que variava entre todos querendo falar ao mesmo tempo ou os facilitadores instigando para que pudesse fluir a conversa.

Ubuntu nguntu ngabanye abantu

- Uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas.

Provérbio Bantu

Durante as sessões era perceptível a mudança de comportamento deles, toda a agitação típica se transformava em silêncio e pouquíssimas conversas paralelas. Alguns temas geraram incômodo ao serem abordados, entre eles o de trabalho infantil, para essa discussão convidamos a equipe do CRAS Quilombo, devido à complexidade do mesmo e na tentativa de construir pontes entre os equipamentos sociais da comunidade. A inquietação sobre o tema vem da própria concepção do que é o trabalho nas comunidades tradicionais, o trabalho na roça realizado pelas crianças quilombolas, tem um valor diferente pelas famílias, por um lado é visto como a forma de “educar os filhos para serem adultos responsáveis, honestos e íntegros” (Silva, 2013, p. 78); e por outro como a manutenção da cultura e da tradição dos quilombos correspondente ao modo de vida implicado em relações com a terra e o território (Silva, 2013).



Entende-se que o trabalho faz parte da manutenção da cultura da comunidade e a escolha do tema vem do fato deste ser um tabu, pois as famílias hesitam em falar sobre essa questão, em especial porque, a legislação impõe um terror sobre as pessoas, por enquadrar o trabalho infantil e não considerar os costumes tradicionais e culturais, estando todos sujeitos aos instrumentos legais de controle e punição. A opção de trazer esse tema ao cinedebate, que trabalha de forma lúdica conceitos mais densos, vem em conformidade com o princípio da amorosidade, que é a ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas (Brasil, 2013).

Entretanto houve temas em que as gargalhadas eram incontroláveis, não necessariamente pelo assunto abordado, mas pela forma como foi conduzido. O curta, sobre a importância da educação, foi trazido com tanta leveza e bom humor que percebemos o despertar da reflexão dos estudantes sobre o seu papel. Durante o debate, eles relataram que muitas vezes acabam não dando atenção ao conteúdo exposto em sala por não julgarem relevante a sua vida. Como já citado anteriormente e frisando o território que estávamos inseridos, a construção compartilhada do conhecimento é estritamente necessária, pois consiste em processos comunicacionais e pedagógicos entre pessoas e grupos de saberes, culturas e inserções sociais diferentes, na perspectiva de compreender e transformar de modo coletivo a sua realidade (Vasconcelos, 2011).

As reações apresentadas durante as sessões são reflexo da intensidade do método, da escolha do tema ter vindo deles, da realidade que às vezes nem paramos para observar ou refletir e que o audiovisual traz. Comumente não nos damos conta da importância das emoções e dos sentimentos no processo de aprendizagem, tratamos como algo puramente cognitivo, racional e lógico. O método pedagógico tradicional é a mais completa tradução disso: silêncio é sinônimo de seriedade; criatividade e expressão durante a aula devem restringir-se às perguntas ao professor; os conhecimentos propedêuticos devem ser estudados e reproduzidos. Os audiovisuais podem trazer nossos medos, raivas, alegrias, prazeres, ansiedades, desejos, emoções e toda a vida ao espaço de educação (Bonetti, 2008).



Essa interação criada entre os integrantes e o cine foi facilitada por termos um público fixo, sendo composto por alunos da própria escola e professores, o que proporciona relações mais longas e personalizadas, onde os envolvidos se sintam confortáveis para expressar suas opiniões (Vasconcelos, 2001). Com o passar do tempo houve um avanço na proposta, chegando ao ponto de, durante os períodos que estávamos fora do território, haver uma cobrança da nossa ausência, essa foi uma debilidade do projeto, pois a tarefa de levar o material a ser discutido acabou ficando apenas na mão dos residentes, o que dificultava o andamento.

Esse problema pode ser sanado com o início de um projeto que estava sendo iniciado pelo grupo de estudo sobre educação do campo, do qual fazíamos parte, coordenado por professores da UFRPE campus Garanhuns, que tinha como proposta trazer as discussões que estavam acontecendo na universidade aos professores que atuavam na escola de Castainho, Garanhuns - PE, havendo, dessa forma, um processo de capacitação para eles e a inserção de um grupo de atividades com vários parceiros a fim de trazer uma nova perspectiva sobre a educação para população quilombola, a essas atividades foi acrescentado o cinedebate.

A inserção ao grupo, que já tinha como objetivo a capacitação dos professores só acrescentou ao trabalho, tendo em vista que aproximou mais outros professores que ainda não tínhamos contato e que na formação inicial de nossos educadores, dificilmente vemos um trabalho sistemático que leve em consideração o uso pedagógico do audiovisual.

O projeto, que era do tipo extensão, mobilizou bastante a escola, trabalhando com outras faixas etárias e levando oficinas que só acrescentariam ao que já estava sendo trabalhado com o cine, como por exemplo, a oficina de fotografia, grafite e contação de história. Durante todo o tempo do projeto, que teve duração de um ano, houve a preocupação em somar também outros serviços que funcionam na comunidade, como o centro de referência da assistência social (CRAS) e a USF, mesmo sentindo certo distanciamento da última devido, talvez, a falta de aproximação com o tema, que vem desde o processo de formação somado a falta de incentivo do governo municipal a capacitação dos profissionais a atividades que extrapolem o espaço da sala de atendimento ou da própria USF.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar atividades de promoção à saúde- conceito que tanto pode ser fortalecedor, quanto enfraquecedor do modelo de SUS que almejamos- é sempre complexo, devido à fragilidade da formação em saúde, em sua maioria voltada ao modelo biomédico, sendo primordial a leitura e aproximação com o tema da educação popular, desde o processo de graduação, se estendendo as pós-graduações.

A educação popular em saúde é uma metodologia que dá significado as ações, impulsiona a reflexão sobre o dia-a-dia e faz repensar a prática profissional, não se trata apenas de uma nova metodologia na área, pois o que se defende é um novo olhar para as práticas de saúde e as relações construídas entre os profissionais de saúde e as pessoas que ali vivem, e que estas relações proporcionem a abertura de novos canais de comunicação e de construção compartilhada do conhecimento (Pinheiro; Bittar, 2017).

Durante todo o período do projeto, contamos com o apoio integral da escola, sendo novamente importante ressaltar como é essencial ocupar esse espaço e trazer temas que extrapolam a educação convencional, principalmente uma educação que liberte os sujeitos e garanta a eles o conhecimento, mas de forma horizontal, valorizando cada saber, construindo e desconstruindo conceitos no coletivo, para tal observamos que a aproximação entre cine-debate e escola é tão proficiente quanto necessária à medida que possibilita a ampliação do repertório cultural e permite uma reflexão política aos participantes, pois só assim conseguiremos mudar o que está posto a nós.

REFERÊNCIAS

- BONETTI, M.C. *A linguagem de vídeos e a natureza da aprendizagem*. São Paulo, 2008.
- BORNSTEIN, V.J. *O agente comunitário de saúde na mediação de saberes*. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro; 2007.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação*: Lei nº 9.394/96 – 24 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- BRASIL, M.S. *Política Nacional de Educação Popular em Saúde*. Portaria Nº 2.761, 2013.
- BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf>. Acessado em 28 de agosto de 2014.



COSTA, M.V. *Estudos culturais: para além das fronteiras disciplinares. Estudos culturais em educação. Mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema.* Editora da UFRGS. Porto Alegre, 2000.

FIGUEIREDO, H.; BARBOSA, R.C. *Manual de cineclubismo: organização e funcionamento.* Maceió, 2006.

FORMIGLI, V.L.A.; COSTA, M.C.O.; PORTO, L.A. *Avaliação de um serviço de atenção integral à saúde do adolescente.* Cad. Saúde Pública, v.3, n.16, 2000, p.831-41.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FREITAS, D.A.; CABALLERO, A.D.; MARQUES, A.S.; HERNÁNDEZ, C.I.V.; ANTUNES, SLNO. *Saúde e Comunidades Quilombolas: uma revisão da literatura.* Rev. CEFAC, São Paulo, 2011, p 937-943.

LEAL, M.C; GAMA, S.G.N; CUNHA, C.B. *Desigualdades raciais, sociodemográficas e na assistência ao pré-natal e ao parto, 1999-2001.* Rev. Saúde Pública, vol.39, no.1, 2005, p 100-107.

MACEDO, F; PIMENTEL, JB. *Pequeno Manual de Cineclube,* CREC, Rio Claro/SP, 2006.

MOREIRA, J; SANTOS, H.R; TEIXEIRA, R.F; FROTA, P.R.O. *Educação popular em saúde: a educação libertadora mediando a promoção da saúde e o empoderamento.* *Contrapontos - volume 7 - n. 3,* Itajaí, set/dez 2007 p. 507-521.

PARE, M.L; OLIVEIRA, L.P; VELLOSO, A.D. *A educação para quilombolas: experiências de São Miguel Dos Pretos Em Restinga Seca (RS) e da comunidade Kalunga Do Engenho II (GO).* Cad. Cedes, Campinas 2007.

PINHEIRO, B.C; BITTAR, C.M. *Práticas de educação popular em saúde na atenção primária: uma revisão integrativa.* Revista do Departamento de Educação Física e Saúde e do Mestrado em Promoção da Saúde da Universidade de Santa Cruz do Sul / Unisc, v. 18, n. 1, 2017, p 77-82.

SILVA, M.R.A. *O cinema como objeto de saber/poder no currículo: o que nos dizem as homogeneidades e oposições intrínsecas do discurso da rede pública de ensino da cidade do Recife?.* In Reunião anual da ANPEd, 33ª, Natal, 2011.

SILVA, B.C. *Infância quilombola: (in) visibilidades, território e identidades.* 4º colóquio internacional de doutorandos-as do CES, 2013.

VASCONCELOS, E. M. *Educação popular e a atenção à saúde da família.* 2. ed. Hucitec. São Paulo, 2001.

VASCONCELOS, E.M; CRUZ, P.J.S.C. *Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência.* Editora HUCITEC e Universitária UFPB, 2011.

VERDI, M.; CAPONI, S. *Reflexões sobre a Promoção da Saúde numa perspectiva bioética.* *Texto & Contexto Enfermagem,* Florianópolis, v.14, n.1, jan./mar. 2005, p.82-88.

*Recebido em setembro de 2017
Aprovado em novembro de 2017*